

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

JESSICA MATUCHAKI

PERSPECTIVA DOS INTÉRPRETES EM RELAÇÃO AO MATERIAL DIDÁTICO
ADAPTADO PARA SURDOS NA DISCIPLINA DE FÍSICA

JARAGUÁ DO SUL

2022

JESSICA MATUCHAKI

PERSPECTIVA DOS INTÉRPRETES EM RELAÇÃO AO MATERIAL DIDÁTICO
ADAPTADO PARA SURDOS NA DISCIPLINA DE FÍSICA

Trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Física apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do Instituto Federal de Santa Catarina Campus Jaraguá do Sul - Centro para a obtenção do diploma de Licenciado(a) em Física

Orientadora: Prof^a Esp.
Kelly Machado Pinho Alfien

JARAGUÁ DO SUL

2022

JESSICA MATUCHAKI

PERSPECTIVA DOS INTÉRPRETES EM RELAÇÃO AO MATERIAL DIDÁTICO
ADAPTADO PARA SURDOS NA DISCIPLINA DE FÍSICA

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título em Licenciatura em Física, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, e aprovado na sua forma final pela comissão avaliadora abaixo indicada.

Jaraguá do Sul, 15 de Fevereiro de 2022

Prof^a Esp.^a Kelly Machado Pinho Alflen
Orientadora
Instituto Federal de Santa Catarina

Prof^a Me. Catia Regina Barp Machado
Instituto Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr.^a Veridiane Pinto Ribeiro
Instituto Federal de Santa Catarina

Este presente trabalho é dedicado aos professores de Física que se preocupam e se dedicam em trabalhar por uma educação inclusiva para alunos surdos em sala de aula.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pois ele sempre foi meu refúgio e minha fortaleza nos momentos mais difíceis da minha vida.

A minha mãe Ana Janete por ser um grande exemplo de mulher dedicada e amorosa que sempre me ensinou o caminho certo e acreditou que eu sempre seria capaz de realizar meus sonhos.

Ao meu pai Júlio e aos meus irmãos Lidiane e Roni que sempre me apoiaram e torceram pelo meu sucesso pessoal e profissional.

Ao meu amor Eduarda, por sempre ser companheira, amorosa e por estar comigo em todos os momentos da minha vida me apoiando e acreditando no meu potencial.

A minha professora orientadora Kelly, por ter sido um anjo que Deus mandou para minha vida, me ajudando, me ensinando e acreditando que eu seria capaz.

Ao meu amigo e irmão Cristian, que esteve comigo me ajudando e escutando minhas aflições, e que sempre apoiou e me incentivou na carreira profissional.

Aos meus amigos que são como irmãos, que conheci graças a graduação Lucas e Gislaine, que durante todo o curso sempre me ajudaram em tudo e tenho certeza que sem eles não conseguiria.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação, contribuindo muito para o meu amadurecimento pessoal e profissional, sempre buscando tirar o melhor de mim.

“A Língua de Sinais é, nas mãos de seus mestres, uma linguagem das mais belas e expressivas, para a qual, no contato entre si é como um meio de alcançar de forma fácil e rápida a mente do surdo, nem a natureza nem a arte proporcionaram um substituto satisfatório.” (SCHUYLER LONG, J. , 1910)

RESUMO

Este tema de pesquisa do presente trabalho, surgiu por meio de uma aula da unidade curricular de Libras, que faz parte do curso de graduação em Licenciatura em Física do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina) campus Jaraguá do Sul-Centro, onde foi proposto como atividade pela professora, criar um plano de aula que fosse inclusivo para uma sala de aula com alunos surdos. Ali me deparei com a dificuldade que eu não sabia que tinha, em entender como poderia desenvolver um plano de aula que pudesse suprir com as necessidades de um aprendizado significativo em uma aula inclusiva, ou mesmo de como adaptar materiais para usar como ferramenta de ensino. Mesmo tendo a Libras como uma unidade curricular obrigatória dentro dos cursos de formação de professores, estabelecido pelo decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, mesmo tendo este decreto nota-se uma porcentagem ao longo do curso de formação muito maior do aprendizado em língua homogênea, o português para ouvintes, do que um ensino bilíngue. Referente a isso, os objetivos buscados nesta pesquisa de modo geral foram encontrar estratégias ou modos de se adaptar materiais didáticos de Física para alunos surdos, e dentro desse mesmo objetivo geral, trazer outros objetivos específicos como a importância do papel do intérprete educacional dentro de sala de aula, as dificuldades do ensino de física para alunos surdos e o papel do professor e do intérprete nas adaptações desses materiais didáticos. Como metodologia empregada, seguindo o método de pesquisa qualitativa e usando como ferramenta de coleta de dados entrevistas semi estruturadas, foi criado um roteiro de perguntas que visavam cumprir com os objetivos estabelecidos. As entrevistas foram feitas com oito intérpretes que trabalham ou trabalhavam no Ensino Médio, tendo em vista suas perspectivas em relação às experiências vividas tanto como profissional da área, como quanto com o ensino de física para surdos, a relação com os professores e o material adaptado. As análises e discussões das respostas mostram, que o material adaptado devem ter como ponto principal ser visual, pois o surdo tem muito mais êxito no ensino-aprendizado quando se é mostrado na prática o conteúdo, com fotos, desenhos, vídeos, experiências em laboratório, em que a prática precisa ficar a frente da teoria, ao contrário do que aprendemos nos cursos de formação. Outro ponto principal analisado é que precisa-se ter uma parceria em sala de aula entre o professor e o intérprete em buscar estratégias de inclusão, pois dentro do relatado nos dados coletados, percebeu-se que quando o professor e o intérprete trabalham juntos em prol de um objetivo único, o de promover o conhecimento para o surdo, se tinha um total aproveitamento das aulas e em consequência disso o surdo aprende muito mais.

Palavras-Chave: Educação de Surdos. Ensino de Física. Material adaptado

ABSTRACT

This research subject of the present work arose through a class of the Libras curricular unit, which is part of the Physics Undergraduate course at IFSC (Federal Institute of Santa Catarina) Jaraguá do Sul-Centro campus, where it was proposed as an activity by the teacher, to create a lesson plan that was inclusive to a classroom with deaf students. There I came across the difficulty that I did not know I had, in understanding how I could develop a lesson plan that could meet the needs of a significant learning in an inclusive classroom, or even how to adapt materials to use as a teaching tool. Even having Libras as a mandatory curricular unit within the teacher training courses, established by Decree No. 5.626 of December 22, 2005, even with this decree we noticed a much higher percentage throughout the training course of learning in homogeneous language, Portuguese for listeners, than a bilingual education. Therefore, the objectives of this research were to find strategies or ways to adapt Physics teaching materials for deaf students, and within this same general objective, bring other specific objectives such as the importance of the role of the educational interpreter in the classroom, the difficulties of teaching physics to deaf students and the role of the teacher and the interpreter in the adaptations of these teaching materials. As methodology employed, following the qualitative research method and using semi structured interviews as a data collection tool, a script of questions was created that aimed to meet the established objectives. The interviews were done with eight interpreters who work or used to work in High School, taking into account their perspectives regarding their experiences both as professionals in the area and in teaching physics to the deaf, their relationship with the teachers and the adapted material. The analysis and discussion of the answers show that the adapted material should be visual, because the deaf is much more successful in teaching-learning when the content is shown in practice, with pictures, drawings, videos, laboratory experiments, in which practice needs to be ahead of theory, unlike what we learn in training courses. Another main point analyzed is that it is necessary to have a partnership in the classroom between the teacher and the interpreter to seek inclusion strategies, because within the data collected, it was realized that when the teacher and the interpreter work together towards a single goal, to promote knowledge for the deaf, there was a total utilization of the classes and as a result the deaf learn much more.

Keywords: Deaf Education. Physics teaching. Adapted material

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Identificação das entrevistadas e suas respectivas graduações

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IFSC - Instituto Federal de Santa Catarina

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdo

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

EUA - Estados Unidos da América

TCC - Trabalho de conclusão de curso

FCEE - Fundação Catarinense de Educação Especial

FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 JUSTIFICATIVA	13
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3.1 Breve História da Educação de Surdos	15
3.2 Papel do Intérprete educacional	19
3.3 Material adaptado para surdos	20
3.4 Ensino de Física para surdos	22
4 METODOLOGIA	23
4.1 Caracterização do estudo	23
4.2 Participantes da pesquisa	24
4.3 Instrumentos de coleta de dados	24
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	26
5.1 Como Profissional e escolha da área de atuação	27
5.2 Papel do intérprete no Ensino Médio	31
5.3 Ensino de Física para surdos/adaptação de material didático	35
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Relatos dentre a história da educação mostram que as pessoas surdas sempre enfrentaram dificuldades em relação a sua educação, onde por um longo período de tempo foram julgadas e condenadas pela sociedade incapazes de fazer tarefas simples como se comunicar ou mesmo poder aprender a escrever ou ler.

Conforme a sociedade foi evoluindo, as pessoas surdas foram conquistando seu espaço e superando o preconceito que existia acerca da sua incapacidade de ouvir ou falar. A mudança mais radical na vida dos surdos neste processo de inserção aconteceu por intermédio do abade francês Charles-Michel que em meados do século XVIII no ano de 1755 em Paris na França, ele aprendeu os sinais com os surdos e em conjunto combinaram sinais que tempos depois se tornou a língua de sinais francesa utilizada até hoje, e em seguida no ano de 1760 fundou a primeira escola pública para alunos surdos.

Sabemos que hoje em dia temos leis que garantem a pessoas surdas seus direitos de desempenhar seu papel como cidadão, tendo o direito de conviver dentro das escolas com alunos ouvintes, o que é realidade atualmente nas escolas públicas no Brasil inteiro, tendo essa pluralidade dentro de sala de aula que integram alunos surdos e alunos ouvintes no mesmo ambiente de ensino onde o surdo, assim como o aluno ouvinte ter a língua materna a língua falada, o aluno surdo tem como sua primeira língua, a língua de sinais. Sendo assim os surdos aprendem de forma visual, o que a Libras (Língua Brasileira de Sinais) proporciona para eles, sendo a adaptação de materiais indispensável para que o surdo tenha uma aprendizagem com maior êxito, onde cabe a lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021 publicada no diário oficial da união, que assegura o direito do surdo a disponibilidade deste material adaptado e a um professor bilíngue:

Art. 60-B. Além do disposto no art. 59 desta Lei, os sistemas de ensino assegurarão aos educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas materiais didáticos e professores bilíngues com formação e especialização adequadas, em nível superior. (Brasil, 2021)

O que nos traz uma questão a ser observada em relação ao material didático e a forma de que os conteúdos são apresentados dentro dessas salas de aula que integram esses alunos.

Está presente pesquisa traz justamente essa questão, dentro do objetivo geral encontrar formas ou estratégias que ajudem os professores e intérpretes a adaptar materiais didáticos e apresentá los dentro da disciplina de Física, e dos objetivos específicos, caracterizar de forma breve a formação do intérprete e os primeiros desafios encontrados na área profissional, compreender qual o papel do intérprete e do professor no processo de criação de materiais didáticos e elencar maneiras de se apresentar os conteúdos de Física que têm mais êxito e os que têm menos êxito nos materiais didáticos apresentados pelos professores. Estes objetivos a serem alcançados tem como propósito ajudar professores de física a entender a dinâmica do material adaptado de física para que possa chegar aos alunos surdo da forma mais clara possível.

Quando se pesquisa sobre o tema ensino de surdos na disciplina de Física na internet, logicamente temos vários artigos, teses e pesquisas que trazem e buscam sanar por meio de pesquisas de todas as formas esses desafios de adaptação de material didático, onde mesmo em alunos ouvintes, encontramos dificuldades, resistência ou mesmo o baixo desempenho em compreender os tópicos trabalhados na disciplina. Outra questão é também a preocupação dos docentes que buscam integrar e adaptar esse material para os alunos surdos e os intérpretes que têm um papel essencial neste percurso de ensino-aprendizagem não só na tradução da língua, mas a interpretação cultural de forma clara dos conteúdos para os alunos surdos.

Levando em consideração esse problema enfrentado tanto por professores quanto para os intérpretes no ensino de Física, a questão norteadora desta presente pesquisa busca justamente achar por meio de uma pesquisa qualitativa, em uma perspectiva do profissional intérprete, realizando entrevistas com intérpretes tendo uma perspectiva dos mesmos, encontrar formas ou estratégias que possam auxiliar o processo de adaptação de material didático na disciplina de Física para alunos

surdos, entendendo também o papel do intérprete nesse processo e caracterizando as dificuldades enfrentadas pelos mesmos na tradução desses materiais.

O surgimento deste tema, e conseqüentemente o interesse por ele surgiu em uma aula de Libras no curso de Licenciatura de Física no IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina) em que, como atividade da unidade curricular, tivemos que desenvolver um plano de aula para uma turma de Ensino Médio que atendia, tanto a alunos ouvintes quanto a alunos surdos. O que me fez questionar o como adaptar e apresentar algum tópico de Física trabalhado no Ensino Médio que pudesse suprir o ensino-aprendizagem de todos os alunos em sala, percebi que realmente mesmo já estando cursando mais que a metade do curso, eu não tinha idéia de como fazer esta atividade. Foi então que decidi que a partir dessa dificuldade que encontrei nesta atividade da unidade curricular de Libras, me aprofundar mais nas discussões sobre o tema.

A questão problema proposta nesta pesquisa é a de saber se existem materiais pedagógicos adaptados da disciplina de Física ou mesmo estratégias para adaptações dos mesmos, que possam auxiliar professores e intérpretes em um ensino aprendido de qualidade para alunos surdos.

Deste modo, levando em consideração o panorama atual do ensino de surdos na disciplina de Física, acredito que esta pesquisa irá ajudar a trazer estratégias ou formas mais claras que possam ser seguidas por professores de Física para criar e apresentar materiais didáticos adaptados, para que os intérpretes possam de forma muito mais eficiente traduzir para alunos surdos e conseqüentemente se ter um ensino-aprendizagem melhor.

2 JUSTIFICATIVA

A eventual causa para defender esta pesquisa, vem além da minha experiência vivida com a atividade na unidade curricular de Libras, mas também de poder contribuir ainda mais com esse ramo de discussão e pesquisa que o tema ensino para surdos traz, principalmente voltado para o ensino de Física. Me fazendo questionar a própria formação do professor, que de alguma forma como eu me senti, se vê despreparado em chegar em uma situação como essa de entrar em uma sala

inclusiva e poder fazer com que haja uma universalidade do material didático apresentado em que todos possam ter um ensino-aprendizagem de qualidade.

De acordo com Rosa (2006, p. 85), “É importante lembrar o fato de que a maioria dos professores que atua na sala de aula inclusiva obteve uma formação para trabalhar com um público relativamente homogêneo, falante da língua majoritária, ou seja, que compartilha da mesma língua do professor”. Onde podemos concluir que realmente, o professor acaba só tendo que sair da sua zona de conforto de produção de material didático adaptado quando se depara em seu ambiente de trabalho com uma sala inclusiva que precisa dessa diversidade de material.

Segundo Almeida e Santos sobre essas dificuldades enfrentadas pelos professores em sala de aula, "em resumo as que mais se destacam é a falta de capacitação dos professores, seguida da comunicação na qual gera inúmeras barreiras nesse processo de ensino e aprendizado". O que se faz destacar a importância de se destacar o trabalho essencial do intérprete que faz a tradução deste material adaptado para o aluno surdo.

Abordando esse tema do intérprete temos também as dificuldades enfrentadas ao longo da tradução desse material adaptado e sobre a escassez do mesmo, segundo Carvalho e Souza sobre esses problemas enfrentados:

[...] A carência de materiais adaptados ou específicos para surdos ainda é um grande desafio por diversos fatores, como o desconhecimento dos professores a respeito da LIBRAS e, como consequência, a falta de termos específicos de determinado assunto. Além do fato de que, em algumas situações, quando há intérprete de Libras, o mesmo desconhece o vocabulário de determinado assunto para ser interpretado para LIBRAS (CARVALHO e SOUZA 2020).

A partir desta fala de Carvalho e Souza, podemos entender a necessidade em abordar esse tema, e buscar de forma conjunta melhorar e trazer mais materiais adaptados ou mesmo formas mais claras de se desenvolver esses materiais para que professores e também intérpretes possam utilizar como recurso dentro de sala de aula.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Breve História da Educação de Surdos

A história da educação de surdos vem desde a época greco-romana até a nossa época contemporânea, começando então pela visão que se tinha dos surdos na antiguidade greco-romana. Nesta época então pelos anos de 4000 a.C. a 476 d.C as pessoas acreditavam que os surdos, não eram seres humanos competentes pois para eles uma vez que os surdos não poderia ouvir, conseqüentemente não poderiam falar e se eles não poderiam falar, não teriam o domínio da linguagem e sem linguagem eles não conseguiriam ter pensamento. Então deste pensamento, temos a descrição de Aristóteles que viveu na época, onde para ele segundo DUARTE e HARDOIM (2015) sobre as concepções de Aristóteles e os Romanos sobre as pessoas surdas:

O referido filósofo considerava a linguagem oral como única forma de manifestação de Deus no indivíduo. Aquele que não fala não pode se considerado como ser humano. Logo os romanos e a igreja Católica assim acordou os pensamentos aristotélicos, negando ao cidadão “surdo” todos os direitos sociais como escrever, casar, receber heranças, ter filhos, frequentar igrejas e outras relações sociais. Afinal, eram tratados como incapazes fisicamente e intelectualmente. (DUARTE e HARDOIM, 2015).

Depois deste período, durante a idade média (476 - 1453) a igreja católica proibiu que surdos se casassem até o século XII e acreditavam também na ideia de Aristóteles de que a alma das pessoas surdas não era imortal, justamente por não poderem falar. O que se percebe é que ao longo da história o fato dos surdos não usarem uma língua oral os condenou a condições de não serem humanos, de não seres imortais entre outras questões que não permitiam serem vistos como pessoas normais.

Essa ideia sobre as pessoas surdas começou a mudar a partir da idade moderna (1453-1789) quando apareceram os primeiros educadores surdos. O primeiro educador que se tem registro é o Monge Pedro Ponce de León (1520-1584), ele no caso educava crianças surdas membros de famílias nobres, onde nesta época a motivação de se educar essas crianças era justamente para garantir que tivessem direito a sua herança, uma vez que eram capazes de falar. León teve muito êxito em seus métodos de ensino, onde conseguiu ensinar para as crianças surdas a fala, escrita e leitura e até mesmo a filosofia da época. O que teve um grande impacto no pensamento que as pessoas tinham acerca dos surdos, em que seu trabalho e métodos serviram de bases para outros educadores.

Um desses outros educadores foi Juan Pablo Bonet (1579-1629) que se apropriou do método de León, e em 1620 publicou uma obra na qual ele descrevia os métodos que ele empregava, como por exemplo alfabeto manual, escrita, linguagem de sinais. O método de Bonet se tornou referência para os educadores da época que acabaram disseminando suas ideias em todas as partes da Europa.

Então na idade moderna nós temos o grande nome da educação de surdos Charles-Michel de l'Épée (1712-1789) que foi o fundador do Instituto Nacional de surdos mudos em 1760 em Paris na França, onde além disso ele foi o primeiro educador de surdos a reconhecer que os surdos tinham uma linguagem própria, diferente do que as pessoas pensavam. Charles-Michel de l'Épée (1712-1789) considerava os sinais que os surdos usavam insuficiente para que eles pudessem aprender a escrita e leitura do Francês, e por essa razão ele inventou os chamados sinais metódicos, sendo eles a apropriação da linguagem de sinais modificados de forma que possam representar mais fielmente a estrutura da língua Francesa escrita.

Bom, já na idade contemporânea (1789-1900) o educador norte-americano Thomas Hopkins Gallaudet em 1816 viajou para a Europa em busca de métodos de educação de surdos, onde realizou estágio no Instituto Nacional para surdos-mudos de Paris e lá conheceu outro educador chamado Laurent Clerc (1785-1869) que não só ensinou para Gallaudet a linguagem de sinais Francesa como também os sinais metódicos criados por Charles-Michel de l'Épée. Depois de passar por essa

experiência em Paris, Gallaudet convidou Laurent Clerc para viajar para os EUA (Estados Unidos da América) e fundar a primeira escola de surdos lá.

Foi então que em 1817 foi fundada a Hartford School, onde nesta época além dos sinais que as crianças surdas norte-americanas já usavam, também havia uma integração dos sinais metódicos assim adaptados para o inglês, o próprio manual francês fazendo com que a educação de surdos no país tivesse tido um grande avanço, e em 1864 o filho de Thomas Hopkins Gallaudet fundou a única universidade de surdos do mundo, intitulada com o nome de Gallaudet University.

Até o ano de 1880 a educação de surdos no mundo, pode ser descrita tendo foco na oralização e no uso de sinais, chamado assim de método combinado. Porém isso teve uma mudança a partir de 1880 com o congresso de Milão, onde reuniu educadores de surdos do mundo todo em que se determinou que a partir daquele momento as escolas de surdos teriam que adotar o chamado método oral puro, em que a fala seria a finalidade da educação de surdos. Como forma de garantir que essas crianças não usariam mais como comunicação a forma de sinais, umas das situações defendidas no congresso, é que teriam de ser afastados os professores surdos das escolas e que seria proibido a linguagem de sinais.

Já no Brasil, a história da Educação de Surdos tem seu início com a fundação do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) em 1857 no Rio de Janeiro fundada por Dom Pedro II e o professor surdo francês E. Huet. Nesta época o instituto funcionava como um internato, então além da bagagem destas formas de comunicação que essas crianças surdas levavam para dentro da escola, elas eram submetidas a também a Língua de Sinais Francesa e a linguagem metódica de sinais, usada pelo Professor Huet, que por ter estudado no Instituto Nacional de Surdos-mudos de Paris aprendeu este sistema e trouxe para o Brasil.

Depois de formados pelo INES, os estudantes voltaram para suas regiões de origem e devido a isso, a linguagem de sinais utilizada por eles dentro da escola se espalhou, e é por isso que hoje em dia nós temos a nossa língua de sinais nacional, no caso a Libras.

Em seguida a criação da fundação INES, fundou-se no estado de São Paulo o instituto Santa Terezinha no ano de 1929 que diferente do INES que só atendia

alunos meninos o Instituto Santa Terezinha atendia apenas alunas meninas, porém ao longo do tempo eles começaram a atender ambos os sexos biológicos.

O Rio de Janeiro é considerado referência até hoje em relação à cultura surda, e se deve à fundação do INES. Temos também como exemplo a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) o primeiro grupo de estudos linguísticos da libras nos anos de 1980, também como marco desta época temos a fundação da primeira entidade representativa da comunidade surda, a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos), que aconteceu em 1987.

Foi então que na década de 90 as pessoas surdas no Brasil começaram uma luta pelo reconhecimento dos seus direitos, onde depois de alguns anos de perseverança conquistaram alguns deles. Em 24 de Abril de 2002, foi instaurado a primeira lei nº 10.436 que diz o seguinte:

Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

Art. 4º - O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente (BRASIL, 2002, p. 01).

E em 2005 temos então o decreto nº 5.626 de 22 de dezembro que regulamenta esta lei, onde a partir disso se reconhece oficialmente a Libras como meio de comunicação e expressão das comunidades surdas, e também se garante o direito para os surdos a acessibilidade da informação através da sua língua.

Um dos desdobramentos dessa legislação conquistada pelos surdos, foi o curso de Licenciatura em letras Libras que se iniciou em 2006 e foi ofertado pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e que tinha capacidade para 500 alunos, e que foi a primeira vez que um grande número de alunos surdos puderem ter acesso ao ensino superior público no Brasil. E em 2008, a UFSC ampliou o curso para mais alunos e disponibilizou duas vertentes, sendo elas a Licenciatura e o Bacharelado.

3.2 Papel do Intérprete educacional

Temos no Brasil a profissão de intérpretes de Libras oficialmente reconhecida no dia 12 de Setembro de 2010, mesmo intérpretes trabalhando na área a muito tempo antes de se tornar oficialmente uma profissão. Tendo em vista esses profissionais segundo a tese de pós-graduação escrita por ARAÚJO (2011) “O fato preponderante que determinou a formalização deste profissional foi a possibilidade de participação dos sujeitos surdos nas discussões sociais”.

Sendo uma profissão de grande importância para a sociedade, onde o intérprete ainda está ganhando espaço no mercado de trabalho e conquistando seus direitos conforme a legislação. Mas o porquê da importância deste profissional? Bom, nós temos a legislação que diz que a pessoa surda tem o direito linguístico, e com ele o direito de frequentar escolas regulares, ir ao hospital, entre outros lugares públicos ele pode estar em todos os contextos mas se não tiver um intérprete ele não terá comunicação neste contexto. Então por isso é importante o profissional estar presente nestes lugares, principalmente dentro de sala de aula acompanhando pessoas surdas, para que tenha garantido seu acesso nestes lugares também.

O intérprete da área educacional tem uma grande responsabilidade acerca de seu trabalho, porque além de fazer a tradução de material didáticos para crianças surdas ele precisa compreender esse processo de inclusão. Dentre vários artigos que trazem o papel do intérprete na área da educação, um deles escrito por QUADROS (2010) diz que:

O intérprete especialista para atuar na área da educação deverá ter um perfil para intermediar as relações entre os professores e os alunos, bem como, entre os colegas surdos e os colegas ouvintes. No entanto, as competências e responsabilidades destes profissionais não são tão fáceis de serem determinadas. Há vários problemas de ordem ética que acabam surgindo em função do tipo de intermediação que acaba acontecendo em sala de aula. Muitas vezes, o papel do intérprete em sala de aula acaba sendo confundido com o papel do professor. Os alunos dirigem questões diretamente ao intérprete, comentam e travam discussões em relação aos tópicos abordados com o intérprete e não com o professor. O próprio professor delega ao intérprete a

responsabilidade de assumir o ensino dos conteúdos desenvolvidos em aula ao intérprete. Muitas vezes, o professor consulta o intérprete a respeito do desenvolvimento do aluno surdo, como sendo ele a pessoa mais indicada a dar um parecer a respeito. O intérprete, por sua vez, se assumir todos os papéis delegados por parte dos professores e alunos, acaba sendo sobrecarregado e, também, acaba por confundir o seu papel dentro do processo educacional, um papel que está sendo constituído. (QUADROS, 2010)

Relata assim o papel do intérprete, que de muitas formas não acaba sendo somente de tradução do material adaptado pelo professor, e sim de desempenhar inúmeras outras funções dentro de sala de aula.

3.3 Material adaptado para surdos

Dentro da educação para surdos, em questão de ensino, temos a concepção de que há uma necessidade de se adaptar materiais didáticos, que são ferramentas utilizadas para transpor habilidades e competências estabelecidos pela BNC(Base Nacional Comum Curricular) do currículo de cada área a ser estudada. O que difere um material para um aluno surdo ou para um aluno ouvinte, ou mesmo a construção de um material inclusivo que possa atender a todos é o comum objetivo de êxito em se ter um ensino aprendizagem de qualidade para os estudantes.

Para entender melhor sobre os materiais adaptados, deve-se compreender primeiro qual a definição do que são esses materiais, segundo a FCEE (Fundação Catarinense de Ensino Especial) em um texto sobre produção de materiais adaptados que traz a definição dos mesmos:

Calcados em elementos teórico-práticos define-se material pedagógico adaptado como um recurso capaz de acolher a singularidade dos educandos com necessidades educacionais especiais que frequentam o sistema regular ou especial de ensino, possibilitando ao educador e ao educando, condições necessárias e mecanismos, que favoreçam uma construção rica do processo educativo, no tocante às mediações realizadas em sala de aula, contribuindo desta forma para a ampliação das possibilidades de organização da estrutura de ensino e de interação social, destes indivíduos. (FCEE, 2016)

Tendo em vista esta fala, se entende que o material didático pedagógico se torna algo indispensável dentro do ensino aprendizagem de pessoas surdas, uma vez que o aluno surdo recebe as informações de formas mais específicas. A produção deste material precisa ser feita de forma sucinta e que supra as necessidades do aluno surdo, de acordo com COSTA e SANTOS (2018, p.312) sobre o material didático disponível e sua eficácia “Porém, todo e qualquer recurso, adaptação e/ou material hoje disponibilizados necessitam de uma prática que torne sua utilização mais eficaz no processo de ensino aprendizagem”.

Ao longo das concepções adquiridas sobre esse material, se entende que o aluno surdo tem a compreensão do conhecimento que está sendo passado a ele de forma muito mais visual, e claro, que o professor regente trabalhe em conjunto para buscar formas que supram a necessidade do surdo, segundos o autores SOUSA et al (2018, p. 2) sobre a forma de aprendizagem do surdo:

Para que o aluno surdo tenha pleno desenvolvimento o professor da sala regular precisa criar estratégias e fazer adaptações curriculares, oportunizando que esse aluno acompanhe o que está sendo trabalhado. Como também é de extrema importância a presença do intérprete. A maioria dos surdos nasciam em família de ouvintes e por isso os pais tentavam inserir o português como sua primeira língua, entretanto, isso era impossível, pois a forma que a criança surda aprendia era diferente da criança ouvinte que através da audição desenvolvia a linguagem oral. A criança surda aprende através da percepção visual, a visão lhes proporciona a aprendizagem, já o ouvinte escuta e reproduz através da fala. (SOUSA et al, 2018)

Um fato importante a ser ressaltado, é que a escola não é obrigada a disponibilizar este material didático adaptado, e sim o professor regente precisa adaptar este material, baseando-se nos livros e no próprio material disponibilizado pela escola, em que os mesmos são apresentados em linguagem homogênea para alunos ouvintes.

Compreende-se então que para a criação deste material didático, precisa-se partir de um planejamento que supra a principal aspecto de aprendizagem do surdo que é a forma visual, e que o professor dentro da sua possibilidade crie novas estratégias para apresentar este material adaptado.

3.4 Ensino de Física para surdos

Dentre todas as disciplinas que compõem a matriz curricular nas escolas regulares, em específico no Ensino Médio, as unidades curriculares de ciências da natureza tendem a ter um interesse menor por parte dos estudantes.

Para os adolescentes surdos que estudam em escolas regulares não é muito diferente, visto que esse aprendizado ou mesmo o material didático usado pelo professor em sala que é passado para o intérprete que acompanha o aluno surdo precisa ser adaptado para que possa ser traduzido de forma que o aluno entenda aquele específico conteúdo, lembrando que a responsabilidade em adaptar estes materiais é exclusivamente do professor regente da turma, e o papel do intérprete é de mediar e auxiliar este processo. Dentre essas estratégias seguidas para adaptação de materiais didáticos, os professores segundo o artigo escrito por Luiz Antonio Zancanaro e Tatiane Maria Lui Zancanaro (2016) “O professor também pode optar por objetivos que atendam às necessidades de seus alunos surdos, utilizando novas estratégias pedagógicas, na busca de alcançar seus objetivos. O importante é saber avaliar o conhecimento adquirido pelo aluno, e o grau de importância do conteúdo para seu crescimento e aprendizagem expressiva”.

Para o ensino de Física não é diferente, em que a dificuldade de compreensão dos alunos em relação aos conteúdos trabalhados já é grande, e tendo uma sala com inclusão de alunos ouvintes e surdos se torna ainda mais complicado. Segundo PLAÇA, GOBARA, DELBEN E VARGAS (2010) em sua defesa de TCC (Trabalho de conclusão de curso) sobre as dificuldades para o ensino de Física para alunos surdos, “para os professores entrevistados, o maior problema em se ensinar a Física está no intérprete. Eles acreditam que ensinam os conceitos de forma correta, mas os intérpretes não são capazes de transmitir esses conceitos aos alunos surdos. Já os intérpretes veem o problema na diferença de linguagem entre o professor e o aluno”. Vale salientar que muitos intérpretes são formados na área de humanas, o que dificulta a tradução e a própria compreensão de alguns conceitos trazidos dentro da área das ciências da natureza, em específico, na disciplina de Física.

Também segundo os mesmo autores PLAÇA, GOBARA, DELBEN E VARGAS (2010) sobre as dificuldade enfrentadas pelos intérpretes em traduzir conteúdos de Física para alunos surdos:

[...] às dificuldades apresentadas pelos intérpretes são as dos surdos, já para os professores, a dificuldade está na transmissão do conhecimento realizada pelo intérprete. Talvez os intérpretes tenham mais razão no levantamento das dificuldades do ensino para alunos surdos uma vez que eles conhecem ambos os lados, o dos surdos e o dos ouvintes. Os professores ainda não reconhecem que a diferença de linguagem é uma das principais dificuldades. (PLAÇA; GOBARA; DELBEN; VARGAS, 2010)

Diante do exposto conclui-se que há uma dificuldade muito grande em relação a essa transposição de material didático do professor para o intérprete, e do intérprete para o aluno surdo.

4 METODOLOGIA

4.1 Caracterização do estudo

Apresentado os objetivos desta presente pesquisa, a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa se caracteriza como qualitativa, onde temos dentro deste ramo de pesquisa vários métodos que podem ser utilizados trazidos por TRIVIÑOS (1987) e que podem se caracterizar como pesquisa qualitativa, entre eles:

A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", [...] (TRIVIÑOS 1987).

Já em acordo com o procedimento metodológico adotado nesta pesquisa, foi produzido e aplicado um roteiro de entrevista semi estruturada apresentado no Apêndice A. De modo geral, uma pesquisa qualitativa deve se buscar segundo

GODOY (1995, p.21) “Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno”.

A fim de alcançar os objetivos de buscar estratégias ou métodos que possam ajudar professores e intérpretes a adaptar materiais didáticos para alunos surdos, entender as dificuldades enfrentadas pelos profissionais intérpretes em sala de aula, entender maneiras de expor esse material adaptado para alunos surdos que tem mais ou menos êxito no ensino aprendido do mesmo, a idéia principal foi se ter uma perspectiva vindo do profissional intérpretes, tendo em vista que é o mesmo que trabalha diretamente com o aluno surdo dentro da sala de aula. Valendo ressaltar que o intérprete não é o professor do surdo, e sim o profissional que media o conhecimento que o professor regente do aluno passa. Os objetivos estabelecidos pela presente pesquisa foram alcançados por meio das respostas obtidas das perguntas feitas aos intérpretes entrevistados por meio do roteiro de perguntas semi estruturadas.

4.2 Participantes da pesquisa

As participantes da pesquisa que foram entrevistadas são intérpretes que trabalham ou trabalhavam no ensino regular, em específico, que tiveram contato com a disciplina de física e que têm formação na área de Língua de Sinais em diferentes níveis de graduação pois os objetivos apresentados na presente pesquisa e as perguntas da entrevista semi-estruturada feita para as 8 intérpretes, visaram entender em uma perspectiva do profissional intérprete tanto o papel na prática da profissão quanto buscar essas estratégias e formas de adaptar matérias da unidade curricular de Física para alunos surdos.

4.3 Instrumentos de coleta de dados

A coleta de dados foi feita a partir de uma pesquisa qualitativa usando como ferramenta um roteiro de entrevista semi estruturada composta por onze perguntas,

sendo aplicado com um número de oito intérpretes, todas as entrevistas foram feitas de modo remoto, a plataforma utilizada foi o Google Meet, sendo todas gravadas com a autorização das entrevistadas e após a gravação, foi feita a transcrição. Enfatizo e orgulho-me em dizer que todas as profissionais entrevistadas eram mulheres, todas as profissionais intérpretes que colaboraram para esta pesquisa trabalham ou trabalhavam com alunos surdos no Ensino Médio, em que foram feitas perguntas pré determinadas apresentadas no Apêndice A, que buscaram suprir os objetivos apresentados nesta eventual pesquisa.

Como instrumento de análise da coleta de dados, como já mencionado, foi feito por meio de entrevistas individuais que se embasaram no diálogo entre o pesquisador e o entrevistado. Para poder utilizar esse método de coleta de dados como instrumento em uma pesquisa, precisou-se se manter atento na hora que as perguntas foram formuladas e apresentadas para as entrevistadas.

No quesito de desenvolvimento das questões utilizadas na entrevista para que após realizadas não se perca o objetivo da pesquisa, segundo BARBOSA (2012) em seu artigo sobre instrumentos de coletas de dados em pesquisas educacionais:

O desenvolvimento de questões para entrevista deve considerar alguns aspectos, para que seja efetiva, tais como: (i) adaptar a linguagem ao nível do entrevistado; (ii) evitar questões longas; (iii) manter um referencial básico (objetivo) para a entrevista; (iv) sugerir todas as respostas para uma pergunta, ou não sugerir nenhuma (para evitar direcionar alguma resposta). (BARBOSA, 2012)

Pode-se entender que essa forma de entrevista como instrumento de coleta de dados supriu os objetivos desta pesquisa, tendo em vista que se seguiu como citado acima por Barbosa (2012), os dados que se obteve das respostas das entrevistadas.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta etapa desta pesquisa foi dividida em três partes, sendo elas as mesmas criadas e apresentadas no roteiro semi estruturado de perguntas feitas às

entrevistadas localizado no Apêndice A. A análise dessas respostas foi feita de forma discursiva, trazendo trechos das respostas das perguntas e breves discussões acerca das mesmas. Essa análise foi feita de modo a alcançar os objetivos propostos neste presente trabalho, trazendo a perspectiva do ponto de vista do profissional intérprete. Preservando a identidade das intérpretes, e trazendo uma melhor forma de identificar as mesmas no decorrer das análises e discussões, trouxe abaixo apresentado na tabela 1, uma sigla junto a uma sequência numérica para identificar cada intérprete e ao lado a sua formação respectiva.

Tabela 1 - Identificação das entrevistadas e suas respectivas graduações

Entrevistada	Graduação
E1	Graduação em Letras-Português e Literatura, Pedagogia, Especialista em Educação Especial, Especialista em Libras, Mestre em Educação, Doutora em Estudos da Tradução.
E2	Graduação em pedagogia e curso técnico em língua de sinais
E3	Graduação em pedagogia, com especialização em Libras e tenho exame de proficiência em Libras do ano de 2015, atualmente curso Letras/Libras no 3º semestre.
E4	Graduação em Letras/Libras bacharelado
E5	Graduação em pedagogia e artes visuais com licenciatura em artes cênicas, especialização em educação especial, especialização de interpretação do português como segunda língua para surdos
E6	Graduação em letras português/inglês e respectivas literaturas, pós graduação em Educação Especial em Libras, graduanda de Letras/Libras e pedagogia
E7	Graduação em pedagogia, Licenciatura

	plena, pós graduação em Tradução e Interpretação de libras, e graduando a segunda Licenciatura em Letras/Libras
E8	Graduação em Letras Português/Inglês e Especialização em ensino de Libras

Fonte: Elaborado pelo autor

5.1 Como Profissional e escolha da área de atuação

Esta primeira parte da análise dos dados obtidos por meio das respostas das entrevistas, foi voltado mais para o profissional intérprete e sua área de formação, levantando questões sobre o porque a profissional intérprete escolheu trabalhar com educação de surdos, se o curso de formação realmente preparou para trabalhar nesta área de educação de surdos e quais os primeiros desafios enfrentados logo no começo da carreira, e tem como objetivo trazer a importância do papel do intérprete e o relato da experiência profissional dos mesmos. Destaco aqui novamente a importante de se trazer questões relacionadas ao intérprete, pois o mesmo, é de suma necessidade dentro da educação inclusiva de pessoas surdas dentro de sala de aula, TIVEROLI (2014, p.10) traz em uma fala na escrita do seu TCC a importância desse profissional:

O tradutor/intérprete educacional de Libras é uma das peças-chave para o aprendizado dos alunos surdos. Em razão disso, deve-se dar grande atenção e importância para este que está na sala de aula, muitas vezes desprovido do suporte necessário.

A primeira questão foi relacionada ao porquê as entrevistadas tiveram o interesse em trabalhar nessa área da educação especial, onde 4 das respostas tiveram ligação ao fato de terem tido contato com algum surdo tanto na infância, adolescência ou mesmo por terem integrantes da família que são surdos, trazendo as respostas da E1 e E2:

Eu trabalho com surdos, convívio com surdos desde menina porque eu tenho surdos na minha família e quando eu decidi então atuar na área da educação e eu estava convicta que eu queria trabalhar com surdos, se fosse pra ser professora eu queria ser professora de surdos. (E1)

Porque eu tenho um filho surdo e pela falta de acessibilidade e das informações na vida do meu filho. (E2)

Já as outras 4 das respostas estão relacionadas as entrevistadas terem tido uma grande afinidade ao estudo da Libras em algum momento da vida, fazendo com que elas se interessarem pela área, segue um trecho das falas das entrevistadas E6 e E7:

Fui criada na igreja desde pequena, e eu sempre cantei na igreja, quando eu me deparei com essa questão da música sinalizada, eu gostei muito, achei muito expressivo, sempre muita expressiva, e a partir disso, isso me chamou muito a atenção. (E6)

Eu quis trabalhar mais por conta desta dificuldade que os professores têm de passar o conteúdo para o surdo, então eu sou favorável à inclusão, eu gosto de inclusão. (E7)

O que se percebe ao analisar essas respostas é que a escolha da profissão de intérprete, vem de um primeiro contato com a cultura surda, sendo ela direta, quando se tem contato com o surdo, ou mesmo indiretamente apenas como espectador. Uma observação em relação a essa pergunta é a graduação das intérpretes, apresentado na tabela 1, onde a grande maioria tem graduação em Pedagogia, e que se direcionaram para a educação especial por meio da especialização.

Relacionado ao curso de formação, foi questionado se o mesmo realmente preparou o intérprete para trabalhar na área de atuação profissional, em que todas as oito respostas foram que o curso de formação não preparou de fato para trabalhar na área, embasando minha resposta, temos as falas da E4:

Não, eu acho que tem muita coisa que eu infelizmente tive que aprender apenas atuando, que eu gostaria que o meu curso tivesse me preparado, são pouquíssimas disciplinas de laboratório, que são as disciplinas práticas, acho que no curso inteiro nós temos apenas 3 disciplinas práticas, o educacional, da área da saúde e da área judiciária, e eu não acho que apenas 3 disciplinas são suficientes para contemplar tanto conteúdo. (E4)

Outro ponto analisado nas respostas dessa questão é a que todas as intérpretes complementam suas respostas acrescentando que foi com a prática, no

cotidiano da profissão, que fez com elas pudessem ter uma maior contribuição no conteúdo estudado na formação. A fala da entrevistada E6 demonstra que para ela, a prática depois que começou a atuar na profissão, foi muito importante para que ela pudesse consolidar a teoria já estudada:

Estou fazendo Letras/Libras e acredito que a formação é muito boa, porém se eu não tiver a prática junto eu acho que não adianta de nada, então só a teoria, é legal, é bom, mas eu acredito que a prática, os lugares que eu já fui trabalhar, minha experiência maior foi na prática. (E6)

Nota-se que de fato, a prática e a teoria são aliadas em meio a um ensino aprendido de qualidade, em seu texto o professor e matemático D'AMBROSIO (1996, p.79) aborda a importância de se ter essa relação consolidada:

Entre a teoria e a prática, persiste uma relação dialética que leva o indivíduo a partir para a prática equipado com uma teoria e a praticar de acordo com essa teoria até atingir os resultados desejados. Toda teorização se dá em condições ideais, e somente na prática serão notados e colocados em evidência certos pressupostos que não podem ser identificados apenas teoricamente. Isto é, partir para a prática é como um mergulho no desconhecido.

A intérprete E1 cita a importância que foi ter tido anos de prática, para poder ter tido um melhor desempenho tanto como profissional dentro de sala de aula, tanto como contribuição na sua carreira acadêmica:

[...] então eu vejo que a melhor preparação é o chão da sala de aula, a teoria claro que é importante, as reflexões é claro que são importantes, as academias são importantes, mas não há nada que substitua o chão da sala de aula, o meu melhor doutorado sem dúvida foi o que eu fiz durante os 10 anos em que eu trabalhei como professora bilíngue na escola bilíngue para surdos.

A última pergunta desta parte, tinha como objetivo entender quais foram as primeiras dificuldades enfrentadas pelas profissionais intérpretes como educadoras de surdos. Analisando as respostas, temos então que das 8 entrevistas, 6 responderam que o primeiro desafio enfrentado no começo da carreira profissional, foi a da língua, as respostas trazem, que foram vários desafios acerca desse tema, desde a dificuldade em separar o português do ouvinte, para o português do surdo,

até mesmo na comunicação, em que muitos surdos não tinham o domínio da Libras. As respostas das entrevistadas E3, E6 e E7 que relatam um pouco sobre essas questões:

Então, as dificuldades que eu encontrei, os alunos surdos que não sabiam a língua de sinais, tinha que ensinar a língua de sinais. (E3)

Acho que foi a questão do português, a gente fica muito preso só ao português, então eu demorei um pouco para me desprender do português e realmente entender que a Libras é uma língua. (E6)

Como intérprete, foi a compreensão da Libras, porque geralmente o surdo quando ele vem de uma inclusão, ele não vem com o domínio da língua de sinais, então às vezes é um adolescente e você tem que trabalhar coisas como, juntar sílabas e formar uma palavra e essa palavra tem uma sinal, então este foi o meu maior desafio. (E7)

Outras respostas dadas que diferem a essas, foram a que a maior dificuldade encontrada foi a da aceitação dos colegas professores em aceitar o aluno surdo em sala de aula e a outra da falta de preparo dos colegas. A fala das entrevistadas E2 e E5 trazem esse relato abordado por elas:

Foi tranquilo, o grupo de educandos da sala foi tranquilo, o maior desafio de início na minha carreira foi a aceitação dos colegas profissionais, porque eles até então achavam assim, mas ele é surdo ele tem que fazer correto, uma já por causa da escrita do surdo, o surdo fala de uma forma e escrever de outra forma, então ele tem que ser muito bem orientado para escrever uma frase coesa no português e os professores não entendiam. (E5)

A falta de preparo dos professores, e eles não têm culpa porque você recebe a demanda de alunos e você tem que dar conta de como que você tem uma turma de 40 e você vai pensar numa atividade diferenciada para um ou 2 alunos diferentes, porque o surdo ele é visual, as coisas pra ele tem que ser, o tempo é diferente, a maneira de ensino tem que ser diferente, tem que ter material visual, e isso nós ainda não temos. (E2)

Destas falas podemos apontar então algumas questões desafiadoras para os intérpretes em seu começo de carreira:

1. Adaptação da língua caseira(gestos limitados, geralmente aprendidos e adaptados em casa, utilizados por surdos que não tiveram contato com a língua de sinais) para a língua de sinais
2. Fazer o surdo aprender a língua de sinais, mesmo já estando dentro do sistema educacional
3. Entender que a Libras é uma língua e tem sua gramática, e se desprender do português para ouvintes
4. A aceitação dos colegas professores em entender que o aluno surdo é aluno dele, tem sua forma de escrita
5. Alunos que não tinham nenhum conhecimento prévio, e conseqüentemente não sabiam nada de Libras
6. A falta de preparo dos professores regentes

5.2 Papel do intérprete no Ensino Médio

Nesta parte do entrevistado o objetivo foi entender qual seria o papel do intérprete no ensino médio, porém, da perspectiva das intérpretes e das experiências vivenciadas por elas. A primeira questão sobre esse tema, foi se as intérpretes achavam que o papel exercido pelo intérprete em sala de aula condiz com o real papel da profissão descrito em lei. A lei que condiz com a questão é a lei nº 12.319 de 1 de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais que diz que o papel do intérprete condiz apenas em interpretar e mediar a comunicação entre surdo e ouvintes, e as atividades didático-pedagógicas.

Em todas as entrevistas a resposta foi não, que o papel do intérprete descrito na lei nº 12.319 não condiz em como o intérprete atua dentro de sala de aula, as respostas tiveram assim justificativas, trago as falas da entrevistada E8 e E7:

Não, de maneira alguma. Não condiz porque no âmbito educacional o intérprete por mais que tenha tudo uma questão de código de ética, a questão da fidelidade, da interpretação, neutralidade, enfim, mas no processo educacional o intérprete acaba tendo que adotar principalmente assim se tratando do ensino médio em um espaço de inclusão, num espaço de ensino bilíngue é um pouco diferente mas em um espaço de inclusão em que todas a instituição, os

professores, que é a minha realidade, não tinham conhecimento nenhum, a gente acabava além de fazer um papel de mediação, de ter também que servir como suporte, como orientação para os próprios professores, e também para o aluno que também várias vezes no ato da interpretação tinha muito mais vínculo com o intérprete e liberdade para perguntar para o intérprete do que direcionar as questões para o professor. (E8)

Não, às vezes, pela minha experiência, todas as vezes que eu precisei atuar como intérprete, eles me confundiam como professora, e eu como professora bilíngue, eles me confundem como auxiliar de classe, por exemplo, o aluno ele é do professor regente, do professor da sala de aula, e o professor ele vê muitas vezes o intérprete como um auxiliar de sala. (E7)

O que se compreende é que o papel em prática do intérprete dentro de sala de aula vai além do papel descrito pela lei que regulamenta a profissão, e que o intérprete além de mediar uma comunicação entre o aluno surdo e os ouvintes, é visto pelo professor regente na maioria das vezes como o responsável e professor do surdo, e que precisa dar todo o suporte em que o aluno necessita, em relação a explicar o conteúdo, socializar o aluno.

A próxima pergunta questiona quais foram as maiores dificuldades que as intérpretes tiveram com o material didático disponibilizado pelos professores. Uma coisa que chamou a atenção nas respostas dessa questão é que entre as 8 entrevistas, nenhuma delas recebeu material adaptado, sendo que essa obrigação tem de vir do professor regente da turma, em preparar este material adaptado, ou mesmo em preparar uma aula inclusiva para que o aluno surdo possa participar. As respostas das entrevistadas E4 e E8:

Na verdade não tem material didático para o surdo, eu nunca recebi nenhum material didático, eu trabalhei em escola estadual e em escola municipal e nenhuma das duas tinha material adaptado, era todo em português, e eu nem tinha um tempo para preparação porque a escola não tinha nem internet, para você poder fazer uma preparação na escola, então eu tinha que fazer preparação de material fora do meu horário de trabalho.(E4)

90% dos casos a gente não recebe esse material, é uma realidade que a gente vive até hoje e em 10% dos casos quando eu recebia material a dificuldade estava justamente pela falta de conhecimento na área da física, da química, pela minha formação ser em letras em

então só o material não bastava, a gente precisava ter um momento com o professor ali antes pra ele explicar, principalmente algumas terminologias bem específicas da disciplina, algumas particularidades pra gente mais ou menos já criar um esquema mental e conseguir passar isso para o surdo. (E8)

O que se percebe com as respostas, é que existem vários pontos que podem sim ajudar e facilitar essa relação dos materiais adaptados chegarem até o aluno surdo. Um exemplo disso, já citado, é a boa relação entre o professor e o intérprete, em que o professor precisa compartilhar seu planejamento junto ao intérprete, para que juntos possam chegar a um melhor caminho de apresentar esse conteúdo ao surdo, inclusive pelo fato de que ambos os profissionais possuem conhecimentos em áreas distintas, que precisam em relação a criação de material, ter uma harmonia. Afinal o professor regente tem um maior conhecimento na área da unidade curricular em que ele leciona, e o intérprete tem conhecimento na questão educacional do surdo.

A última questão dessa parte, perguntou se as intérpretes veem que o papel profissional delas é reconhecido pelo sistema educacional. Entre as 8 respostas, tivemos que 6 intérpretes acham que o sistema não reconhece o papel do intérprete, desta questão temos as falas das intérpretes E3, E5 e E4, sobre não achar que o sistema educacional valoriza o profissional intérprete:

Acho que não, estamos no processo. Eu vejo assim que o intérprete de libras até pouco tempo era muito romantizado "ai que lindo o intérprete, ai nossa que maravilhoso, olha só o que ele faz" mas será que viram as nossas condições de trabalho, a gente trabalha sozinho às vezes 8 horas por dia, no meu caso eu trabalho na minha instituição, no IFC, eu sou uma intérprete e tinham duas alunas surdas, uma no ensino médio integrado que é manhã e tarde e a outra no noturno, então, trabalho o dia inteiro eu não posso, eu não tenho revezamento, deveria ter no mínimo um revezamento. (E3)

Não, é muito, além de não ser reconhecido pelo sistema de educação inclusive numa situação financeira, o sistema essas coisas assim eles, "ah tá mas você é intérprete" eles colocam o intérprete como se fosse uma coisa diferente, mais na valorização e muitas vezes até falta respeito sabe, você vai fazer algo, eles ficam meio que com dúvida, "ah mas será que foi o surdo que fez, ou foi o intérprete que passou pra ele" entende? Eu vejo que falta muita valorização de vários ângulos, no financeiro, na aceitação, no respeito, ainda falta. Temos sim, profissionais que nos respeitam,

mas ainda falta muito pra realmente ser aceito e ser respeitado como muitas profissões. (E5)

Com certeza não, o sistema de educação não está preparado para receber o intérprete para ser sincero, você chega em uma sala de aula e eles não sabem o que é que você faz, qual é o seu papel, e é muito isso de eu não deveria fazer o material adaptado, quem deveria fazer é o professor, com certeza eu posso dar uma consultoria, óbvio, com certeza, a gente pode trabalhar em conjunto com certeza, mas não é isso que acontecia, era como se eu fosse uma segunda professora e eles fossem o meu aluno, não um aluno da turma, um aluno do professor. (E4)

Já as intérpretes que responderam que acham que o sistema educacional reconhece o papel do intérprete, trago as falas das entrevistadas E1 e E6:

Hoje sim com toda a divulgação, a primeira dama fez Libras, todo mundo ficou aquela coisa toda, deu a maior visibilidade, é claro que essa época Libras já estava bem, enfim, foi uma visibilidade, hoje vários programas tem janela de língua de sinais, tem vários filmes, tem muitos projetos, têm muitas iniciativas então hoje você entra na internet tem uma quantidade absurda de vídeos em língua de sinais, em material em língua de sinais, hoje está assim realmente.(E1)

Olha dependendo estado, aqui em Campo Grande sim, aqui eu não tenho o que reclamar, os intérpretes aqui são bem valorizados, a questão da lei é bem cobrada, se o aluno é deficiente auditivo, mesmo não sendo usuário da Libras, o pai tem direito, vai lá e pede a solicitação do intérprete para estar ali, mesmo que seja para introduzir a língua, então, aqui em Campo Grande que é o lugar que eu mais presencio, eu acho que é valorizado sim. (E6)

Em relação a essa questão de valorização do papel do intérprete pelo sistema educacional, se vê pelas respostas, que a maioria das intérpretes se sentem não valorizadas, percebem que o sistema de educação não está preparado para receber o intérprete, que muitas vezes o intérprete fica sobrecarregado com trabalho, que mesmo acompanhando um surdo no ensino regular, precisar da conta de todas as matérias, compreender o conteúdo que irá ser passado, ter um pré conhecimento do mesmo, e que o sistema educacional como um todo acha que com o material disponibilizado o intérprete precisa dar conta disso tudo, e que ao final o aluno ainda tenha um ensino de qualidade. Pelo que foi relatado, e o que se lê,

houve de fato uma melhora em relação a esse profissional, porém ainda há muito trabalho a ser feito para que se tenha uma real valorização do mesmo.

5.3 Ensino de Física para surdos/adaptação de material didático

Esta parte do roteiro de perguntas teve o objetivo de entender na visão do intérprete como é o ensino de física para os surdos e como funciona a adaptação de material pedagógico para a unidade curricular, tanto vindo do professor, quanto vindo do intérprete na parte da mediação.

A primeira pergunta questionava quais as dificuldades no ensino aprendizagem de alunos surdos no ensino de Física, baseado nas experiências vividas pelas intérpretes. As respostas particularmente foram bastante esclarecedoras, na qual as entrevistadas apontaram questões importantes sobre as dificuldades enfrentadas pelos surdos no ensino de Física. Dentre essas questões, as entrevistadas E2, E4, E5 e E8 trouxeram em suas falas algumas dessas dificuldades:

É compreender, porque eles têm a dificuldade do português, para compreender e o professor que está no ensino médio ele tem a disciplina que ele tem que dar para todos os alunos, então ele vai seguindo e o surdo vai ficando com dificuldade, não que o surdo tenha dificuldade de raciocínio ou de outra coisa, mas muitas vezes um problema de física, ele deixa de resolver por ele não entender o enunciado. (E2)

Porque é abstrato, existe muito conceito da física que a primeiro momento ele é abstrato, e é complexo, você até pode trabalhar uma fórmula, trabalhar algo, mas a primeiro momento tem muita coisa que é abstrata e para o surdo tudo que é abstrato é mais difícil de absorver. (E5)

São 3 principais pontos, o primeiro é a falta de base a maioria dos alunos chegam sem ter uma formação base completa, chegam com lacunas principalmente na língua portuguesa muito grande, gritante, então se eles mal conseguem entender uma segunda língua, uma fórmula da química, da física, segundo é essa ausência destes materiais adaptados, conteúdo adaptados, professores que têm esse conhecimento bilíngue vamos dizer assim para ensinar a pessoa surda, e terceiro por se tratar de uma área com aspectos mais abstratos que realmente precisaria de fazer o surdo ver ou entender como funciona o processo, nesse sentido a tecnologia ajudou bastante. (E8)

Então, como além de não ter material adaptado, o professor não me passava o conteúdo antes, então eu não tinha acesso ao conteúdo, eu não podia estudar o conteúdo, e eu não sou formada em física, então eu não entendo os conceitos de cara, até porque faz muitos anos que eu estudei física, então tinha sempre esse momento, então primeiro eu tinha que absorver esse conhecimento do professor, eu tinha que aprender, então acaba tendo um delay para o aluno né, e ele acaba sendo prejudicado, porque como eu não sou da área eu posso entender um conceito errado, eu não tenho nenhuma vergonha de dizer que eu não entendi algum conceito, como uma primeira vez que eu estou tendo contato com aquele material. (E4)

Analisando estas respostas, pode-se alavancar algumas dificuldades vivenciadas pelas intérpretes:

1. Compreender a Física, levando em consideração a dificuldade no português
2. Pela Física ter conteúdos mais abstratos
3. A falta de conhecimentos prévios dos estudantes
4. Ausência de materiais adaptados
5. A falta de comprometimento do professor regente em passar o conteúdo antes para o intérprete
6. O não relacionar a teoria com a prática

Apontadas as dificuldades, vê se que ao transmitir os conhecimentos dos conteúdos de Física para os surdos, necessita ser totalmente visual, utilizando materiais concretos, para demonstrar os fenômenos acerca dos conteúdos trabalhados pela unidade curricular, pois a Física tem muitos conceitos abstratos trabalhados, que para uma pessoa ouvinte são claros de entender, porém para o surdo não são, pois o mesmo precisa relacionar a prática, para depois entender a teoria acerca daquele assunto.

Outro ponto importante é entender quais são os conhecimentos prévios que o estudante surdo tem, pois mesmo a Física sendo abstrata, pode-se relacionar muitos acontecimentos do cotidiano com os fenômenos estudados, fazendo jus a questão do professor sempre passar seu planejamento adiantado para o intérprete, para que o mesmo também possa ter um conhecimento prévio acerca do conteúdo,

pois como o intérprete não é formado na área, não é obrigado a conhecer tudo que assim for passado em sala de aula para mediar para o surdo.

Outra pergunta feita aos intérpretes foi como o material didático de Física era adaptado e chegava até elas para repassar para os alunos surdos. Dentre as oito respostas, cinco intérpretes trouxeram que esse material adaptado não chegava até elas, justificando essa afirmação, algumas falas das entrevistas E3, E4 e E7:

Geralmente chegava até a mim igual o que era mandado para os alunos, nunca tive experiência de pegar nenhum material adaptado somente para o surdo. (E3)

Nunca recebi nenhum material adaptado da disciplina de Física. Para você ter idéia, estamos fechando os relatórios, eu estou a pouco tempo, estou apenas cobrindo a professora que saiu, e eu não recebi nenhum plano de aula de nenhum professor, nada, até agora e eu tenho que fechar o planejamento semanal e eu não tenho nada das atividades que eu tenho que seguir a linha deles para falar que eu adaptei, mas eu não adaptei nada porque eles não me deram nada. (E7)

Tinha o material didático da escola, e na verdade o professor de Física no Ensino médio né, porque eu interpretei física no ensino médio, ele não usava o material didático da escola então não tinha material didático na verdade, não chegava nem material, nem conteúdo. (E4)

As professoras relatam que o material didático adaptado não chegava, nem o conteúdo, ou mesmo o material que chegava era o mesmo material que chegava aos alunos ouvintes, sem nenhuma adaptação.

Porém, além destas respostas, tivemos respostas que trouxeram um outro aspecto sobre esse material didático, da procura do professor em adaptar o material, porém, as respostas apresentadas pelas intérpretes E8 e E5, mostram que os professores buscavam mais a inclusão como um todo, tendo aulas mais visuais, mais inclusivas para um todo:

Ele chegava adaptado assim depois de algumas dicas, depois de algum trabalho conjunto com os professores, eles entenderam que não adiantava ficar ali em teoria e teoria, que eles tinham que fazer um material mais focado assim né partindo sempre daquele princípio do macro para o micro, contextualizar o cenário do conteúdo

específico “para que isso serve?” “para que isso vai me ser útil?” do porquê esse material estar ali e partir disso trazer as informações mais importantes e não textos e textos que o aluno tivesse que fazer uma leitura porque só pelo fato do aluno ter que dar de cara com um texto já desestimula eles. (E8)

Ele monta o planejamento e ele vem e mostra primeiro pra mim, antes de levar pra sala, ele monta e ele traz o concreto, ele traz sugestões. Não vem diferente, ele faz o planejamento normal pra turma toda, mas ele traz aquele material, mais visual e mostra pra mim e pergunta o que você acha de nós trabalharmos isso com o nosso aluno surdo, eu vou trabalhar todo esse conceito com os outros, e inclusive vou apresentar isso para os outros também, e essa parte aqui você vai explorar com o seu aluno surdo, eu vou apresentar para o grupo todo, ele traz todo um concreto, ele busca concretos, materiais concretos, fórmulas, balanças, é uma coisa de outro mundo. (E5)

Destas respostas, se vê que os professores que buscam incluir os alunos surdos, eles não tem em foco o material didático adaptado, e sim buscam estratégias para usar em sala de aula, um material mais visual, mais concreto junto às suas explicações de conteúdo.

Da questão do roteiro sobre quais eram as adaptações nos materiais didáticos de física, que na percepção da intérprete tinham mais êxito no entendimento dos alunos surdos, e as adaptações que menos tinham. As respostas das intérpretes sobre as adaptações de materiais foram unânimes sobre o que tinha mais êxito e o que não tinha tanto êxito.

Das respostas sobre os materiais adaptados que tinham mais êxito, trago as falas da entrevistada E1, E3 e E8:

O laboratório, quando ia pro laboratório, quando fazia as atividades experimentais, apresentava os processos físicos de forma experimental, nossa, isso parecia mágica, aos olhos dos alunos surdos, e quando você apresentava a fórmula pra você fazer o cálculo em cima daquela experiência, aquilo ficava muito mais claro. (E1)

Com certeza quando tem recurso visual como imagem, ou quando o professor além do papel mostra um vídeo, sem dúvida faz toda a diferença do que pegar só um texto com explicação, texto em português eu digo, às vezes uma figura parada é complicado, então se traz um vídeo, ou carregado com mais e mais por exemplo indicação com setas, com certeza mais ilustrado o aluno surdo entende bem melhor, porque é visual. (E3)

Buscar o cotidiano do surdo ajuda, com certeza, porque essa é a idéia, eles tem que partir do concreto para depois ir pro abstrato. Para o surdo teria que ser a prática e depois a teoria, em cima da prática você construir a teoria porque se não por exemplo iremos fazer a fórmula, e é claro depende do nível linguístico do aluno também, depende se ele teve muita defasagem escolar, porque tem alunos que basta você explicar a fórmula ali e como funciona ele já vai captar, mas tem alunos que não, que vai perguntar “o que é fórmula?” “Como assim formula?”, “pra quê serve isso, e onde eu vou usar?”, então depende dessa variante do nível linguístico e do aluno que chega até o ensino médio, mas sem sombra de dúvida, é sair do concreto para depois trabalhar o abstrato, é primeiro trabalhar a prática pra depois explicar a teoria. (E8)

Analisando essas falas percebe-se que o surdo, tem como necessidade o material visual, o concreto, primeiro o prático e depois o teórico, o buscar no cotidiano o que possa ajudar a fazer uma ponte com o fenômeno estudo, porém, quando se busca o cotidiano, deve se levar em consideração que existem muitas coisas que alguns surdos não vivenciam, como filmes, novelas, principalmente quando o surdo não tem um bom domínio do português, do surdo.

Já sobre o que não tem muito êxito em um ensino significativo para o surdo, pode ser demonstrado pelas falas das intérpretes E1 e E6:

O que pra eles ficava mais difícil, era quando você levava os desafios na área da física e isso era apresentado meramente somente com as fórmulas, só mesmo com os cálculos. (E1)

A parte que eles não compreendiam, era a parte teórica, a parte teórica ali ela é mais complexa de explicar, por exemplo, porque a caneta cai, por exemplo, tem que explicar várias vezes isso “mas isso aqui tem um nome?, desde quando tem um nome?” então, até eles entenderem que tudo tem uma explicação, aqueles nomes difíceis, acho que esta questão “a teoria de fulano, não sei o que lá de ciclano”, ah isso aqui chama lei de não sei o que, então eu acho que para eles essa é a maior dificuldade, a parte teórica, mas depois que vem a prática junto aí eles conseguem compreender. (E6)

As respostas demonstram que só a teoria não funciona, que apenas textos, que só encher o quadro com informação não traz um bom aprendizado significativo para o surdo.

Já sobre a pergunta que questiona se existe uma boa relação entre o professor e o intérprete em buscar maneiras de adaptar estes materiais para o aluno surdo, as respostas das intérpretes foram bem relativas, baseadas nas suas experiências. As respostas das intérpretes E4, E7 e E8 demonstram um pouco de como eram as experiências vivenciadas:

Sim, eu já tive boas e más relação, eu já tive professores que quando eu trouxe pra eles que o aluno não acompanhava, eles me ajudaram a aonde procurar material, me orientaram e faziam trabalho comigo, tive muitos professores que já tinham experiência com aluno surdo, então eles já sabiam como usar outras estratégias pró aluno, ou por exemplo assim, uma professora de português, ela sabe que o aluno surdo tem mais dificuldade de escrever, então em vez de para um ouvinte, sei lá, dar 10 questões, para um aluno surdo tinha 5, eram as mesmas questões, porém era menos questões, e assim de física ou qualquer outra área, tinha uma diminuição de questões pelo tempo que o aluno surdo tem até pra ver minha tradução porque geralmente eu não tinha o material antes, então como eu via na hora, ele sabia que eu tinha o tempo de compreender e interpretar pra ela. (E4)

É então, é aquilo, depende muito do professor, a maioria deles são simpáticos, com a gente ali na sala, porque o aluno não incomoda, mas a partir do momento que você começa a cobrar, a reclamar, a falar, aí já não é tão legal, assim eles têm um outro comportamento, eu sou o professor e tal, então, às vezes você fica cobrando, “olha, aquela atividade lá você pensou em alguma coisa!?” , porque até então hoje eu tô como professora, então eu não posso cobrar a ele, então é minha função fazer a atividade adaptada, mas como intérprete é ele que tem que adaptar, eu só tenho que passar para o surdo. (E7)

Quando tinha parceria o aluno aprendia, e quando não tinha era uma queda de braço, o professor com uma metodologia ouvinte vamos dizer assim e nós tentando no processo de adaptação, adaptar para o surdo e aí se perde muito tempo a lacuna fica muito grande, diferente do trabalho feito em parceria onde o professor já traz uma metodologia linguística para o aluno surdo, outro detalhe importante que eu via que surtiu bastante efeito era os horários de atendimento individual era fundamental, então ter o tempo de sala de aula isso falando em inclusão, ter o momento em sala de aula com os outros alunos, para trabalhar o conteúdo, no ensino regular e além disso ter um horário extra para o professor sentar com o aluno surdo e assim identificar essas lacunas que ele teve no passado, e assim poder resgatar. (E8)

Percebe-se que pelas falas, que quando havia uma parceria e um bom relacionamento entre o professor e o intérprete em buscar materiais, e incluir o aluno surdo nas aulas, o surdo de fato aprendia, tendo mais interesse pela aula, já sem essa parceria o aluno fica menos motivado a aprender, pois não vê sentido naquilo que está sendo passado para ele.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este presente trabalho teve como objetivo buscar estratégias e modo de adaptar materiais didáticos da unidade curricular de Física, sendo os dados coletados por meio de um roteiro de entrevistas semi estruturada em que foram entrevistadas 8 intérpretes que trabalham ou trabalhavam no ensino regular, em específico no Ensino Médio, tendo em vista que a unidade curricular de Física faz parte da grade da mesma.

Uma questão importante a ser apontada, é que o aluno surdo, mesmo tendo uma diferença linguística entre o ouvinte, não tem nada que compromete o seu sistema cognitivo, a única diferença é que o material didático apresentado para o mesmo dentro de sala de aula, precisa de fato, ser adaptado para que ele consiga compreender o conhecimento que se quer transmitir. Levantando uma pauta importante do porque o ensino bilíngue, em que se aprende a Libras e a Língua portuguesa, ainda não foi implementado em todas as escolas ou mesmo na formação de professores que atuam dentro do ensino regular, e que foi demonstrado ao longo desta pesquisa, essa falta de preparação dos professores um desafio encontrado pelo profissional intérprete.

Em relação aos três objetivos buscados no roteiro das perguntas, se percebe que ainda é preciso ter uma grande melhora, em relação às condições dos profissionais, uma mudança de postura dos professores regentes em buscar a inclusão destes alunos surdos na sala de aula e mesmo em buscar uma boa relação com os intérpretes em relação ao material adaptado e os conteúdos planejados.

Já em relação às estratégias de adaptação de material, como já citado, o professor precisa em primeiro lugar procurar o intérprete para ter uma melhor

estratégia no material utilizado dentro de sala de aula. Buscar materiais mais concretos para utilizar, revertendo o conceito básico de teoria e depois prática, e sim usar primeiro a prática e depois a teoria. Entender que isso ajuda não só os alunos surdos, mas sim os ouvintes, quando o professor primeiro demonstrar de forma visual aquele conhecimento que ele quer que o aluno compreenda, buscando estratégias como experimento em laboratório, vídeos, desenhos, esquemas visuais que ajudam no ensino aprendizagem significativo do surdo.

Dos objetivos estabelecidos nesta pesquisa, o objetivo geral de encontrar formas para se adaptar materiais de Física para alunos surdos, por meio das respostas das entrevistas foi alcançado, pois as mesmas trouxeram formas claras de como esse material precisa ser apresentado para o aluno surdo e adaptado, levando em consideração que o papel do intérprete é de apenas mediar este material, e que é o professor o responsável por adaptar o mesmo. Já sobre os objetivos específicos e se foram alcançados, sendo eles caracterizar de forma breve a formação do intérprete e os primeiros desafios encontrados na área profissional, compreender qual o papel do intérprete e do professor no processo de criação de materiais didáticos e elencar maneiras de se apresentar os conteúdos de Física que têm mais êxito e os que têm menos êxito nos materiais didáticos apresentados pelos professores, pelo que foi apresentado das análises e discussões acerca das entrevistas, estes objetivos foram alcançados, pois dentro das respostas obtidas na perspectiva das intérpretes, as mesmas, trouxeram as questões em suas falas, podendo assim se ter uma análise clara em relação a esses dados.

Com a realização desta pesquisa, eu consegui perceber que ficou evidente que as escolas precisam ter mais recursos de materiais adaptados para surdos, que possam ser utilizados pelos professores regentes, mesmo não sendo uma obrigação da escola disponibilizar este material, e que é função do próprio professor adequar este material didático para suprir as necessidades dos alunos surdos, os professores precisam assumir mais essa postura de inclusão dentro de sala de aula, aceitando o aluno surdo, incluindo ele em relação aos conteúdos com esses materiais didáticos utilizados, e ter um boa relação com o profissional intérprete que acompanha o aluno surdo.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ALMEIDA, Iderlany Lopes de. Santos, Juraci Pereira dos. **As dificuldades do ensino de física para alunos com deficiência auditiva**. 2015. 17.p Unidade Escolar Polivalente.

ABREU, Jonathas. **Ensino de física e surdez: construindo conceitos e criando sinais**. 2014. 63 f. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

BRASIL, **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Disponível em: <http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf> Acesso em: 07 jun. 2021.

BRASIL. Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> Acessado em: 20 jul. 2021

BRASIL. Lei Nº lei nº 14.191, de 3 de Agosto de 2021. **Da educação bilíngue de surdos**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 Agos. 2021. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm> Acessado em: 20 Nov. 2021

BARBOSA, Eduardo F. **Instrumento de Coleta Dados Pesquisas Educacionais**. SEE-MG /CEFET MG/1999. p. 5

CARVALHO, Fernanda Nicolay Freires de. Souza, José Carlos Ferreira. **Materiais didáticos para o ensino de física para alunos surdos**. Braz. J. of Develop.Curitiba, v. 6, n.5,p.26534-26547 mai. 2020.

COSTA, D. L. ; SANTOS, L. F. D. **Adaptação de materiais/recursos na educação de surdos: uma revisão bibliográfica**. Comunicações Piracicaba v. 25, n. 3, p. 293-320, set.-dez. 2018

CAMPELLO, Ana Regina; REZENDE, Patricia L. F. **Em defesa da da escola bilíngue para surdos: a história do movimento surdo brasileiro**. Educar em revista. Curitiba: Editora UFPR. Educar em revista. Edição especial n. 2. p. 71-92. 2014.

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática: Da teoria à prática**. Campinas: Papyrus, 1996.

DUARTE, Anderson Simão; HARDOIM, Edna Lopes. **signo ideológico: o surdo de aristóteles ao visual da contemporaneidade**. Revista Diálogos (Rev. Dia.) V. 3, N. 2, JUL., DEZ. 2015

FCEE. **Serviço de produção material pedagógico adaptado**. Fundação Catarinense de Educação Especial, 2016. Disponível em <https://www.fcee.sc.gov.br/images/stories/producao_material_pedagogico_adaptado.pdf>. Acesso em: 10 dezembro de 2022.

FREITAS, O. **Equipamentos e materiais didáticos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007, 132 p.

FIORIN, J. L. **Tendências da análise do discurso**. Estudos Lingüísticos, v.19, p.173-9,1990.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

TIVEROLI, T. D. ; **O papel do tradutor/intérprete de Libras nas aulas de Língua Portuguesa**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2014.

GALASSO, B. J. B. et al. **Processo de Produção de Materiais Didáticos Bilíngues do Instituto Nacional de Educação de Surdos**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 24, n. 1, 2018.

Orlandi EP. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas (SP): Pontes; 1999.

PLAÇA, L. F.; GOBARA, S. T.; DELBEN, A. A. S. T.; VARGAS, J. S.; **As dificuldades para o ensino de Física aos alunos surdos em escolas estaduais de Campo Grande/MS**. Disponível em: <<https://www.nutes.ufrj.br/brabrapec/viiienpec/resumos/R0085-1.pdf>> . Acesso em: 20 jul. 2021

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas**. MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; WILLIAMS, L. C. A. (Org.). Temas em educação especial: avanços recentes. São Carlos, SP: Editora da UFSCar, 2004. p. 55-60.

QUADROS, R. M. de; e SANTOS, S. A. **O Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais no Brasil: Ontem, Hoje e Amanhã**. In II Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Florianópolis, 2010

ROSA, Andréa da Silva. **Tradutor ou Professor? Reflexão preliminar sobre o papel do intérprete de língua de sinais na inclusão do aluno surdo**. Ponto de Vista. Florianópolis, v.8, n. 8, p. 75-95, 2006.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, Luara Hawanny Silva et al. **O processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos com ênfase no português como segunda língua**. Anais III CINTEDI. Campina Grande: Realize Editora, 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo.** In: _____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79

ZANCANARO, L. A. ZANCANARO, T. M. L. **Educação de surdos sob a perspectiva da inclusão: reflexões sobre a adaptação de conteúdos.** Revista Sinalizar, v.1, n.1, p. 1-11, jan./jun 2016

APÊNDICE A

ROTEIRO ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA

Como Profissional e escolha da área de atuação:

1. Qual seu nome e formação?
2. Porque você queria trabalhar com educação de surdos?
3. Você acha que o seu curso de formação realmente te preparou para trabalhar na área?
4. Quais foram os primeiros desafios encontrados como educador de surdos?

Papel do intérprete no ensino médio:

1. Com a sua experiência trabalhando em ensino regular, o papel exercido pelo intérprete em sala de aula condiz com o real papel da profissão descrito em lei?
2. Quais as maiores dificuldades que você como intérprete que trabalha/trabalhou em ensino regular teve com o material didático disponibilizado pelos professores?
3. Você vê que o papel do intérprete em sala de aula é reconhecido pelo sistema de educação?

Ensino de Física para surdos/ adaptação de material didático

1. Quais as dificuldades no ensino aprendizagem de alunos surdos no ensino de Física?
2. Como o material didático de Física era adaptado e chegava até você para repassar para os alunos surdos?
3. Quais eram as adaptações nos materiais didáticos de física, que na sua percepção tinham mais êxito no entendimento dos alunos surdos? E as adaptações que menos tinham?
4. Existe uma boa relação entre o professor e você intérprete em buscar maneiras de adaptar estes materiais para o aluno surdo?